

OS ÚLTIMOS EMPREGOS

DE MARIA.

DOS

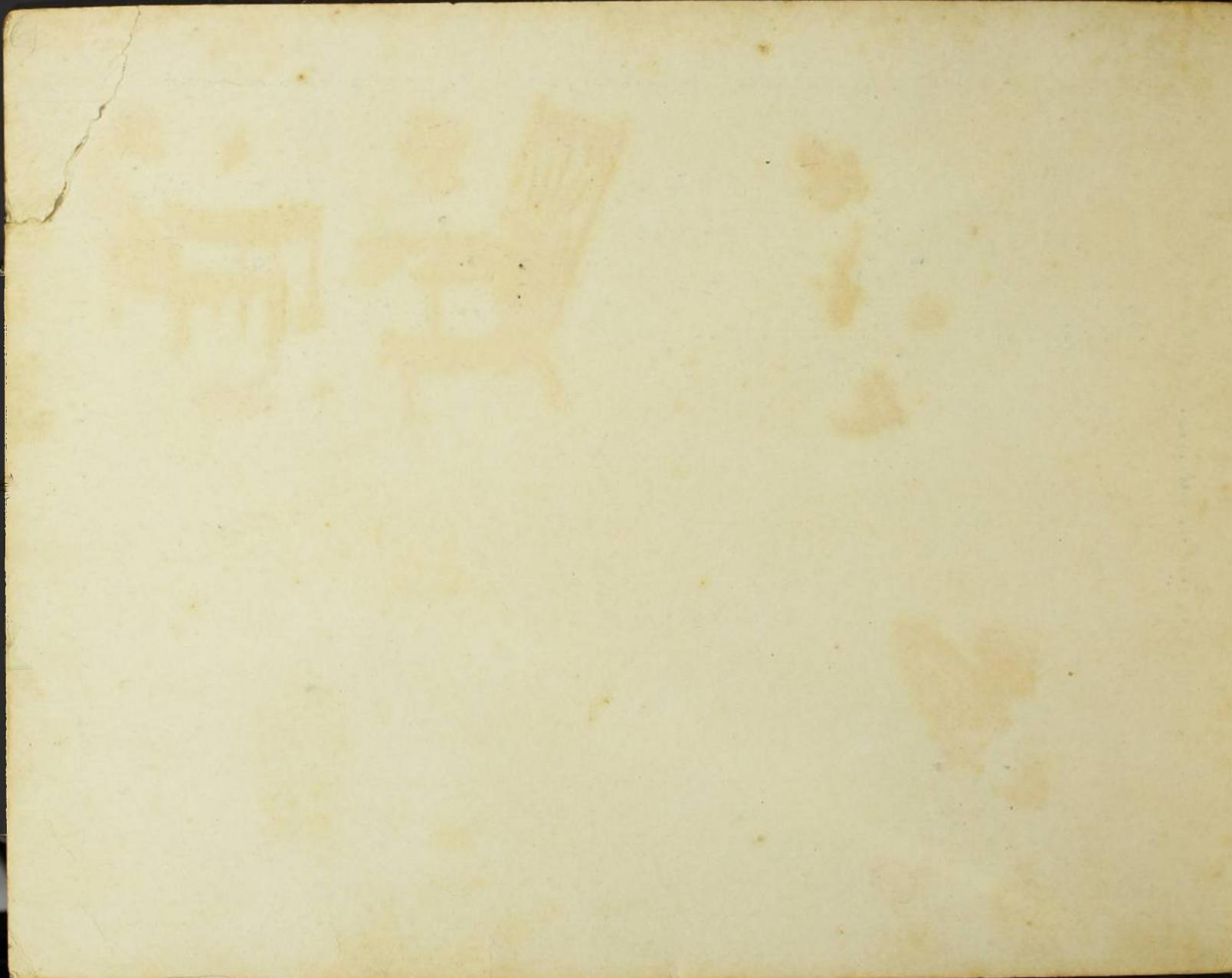
TAMANCOS

POR JORDIC



LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109 6, Rue des Saints-Pères, 6
RIO DE JANEIRO PARIS



Os
ultimos
Empregos



de
Maria
dos
Tamancos



○ Snr. Rapino, pintor de talento e sua mulher estão confortavelmente installados á mesa do chá, quando vêm entrar a criada Maria. Numa das mãos traz os tamancos. Na outra uma trouxa, tudo quanto possui dentro de um lenço.

Nessa roupa do campo, nessa face bochechuda parecendo feita para receber bofetadas, nessa expressão perpetuamente atoleimada, reconhecemos logo a Maria dos Tamancos, que já esteve, sem resultado, em varios empregos :

Foi hontem que entrou na casa do senhor e da senhora Rapino. Parecia estar contente e ficar ahi mas eis que annuncia sem mais aquella.

— Vou embora!

A senhora Rapino teve um sobre-salto. O senhor Rapino, estupefacto, levantou o rosto de cima do jornal.



«Embora? Você não se dá bem aqui? Que é que falta?»

Maria repete com um ar aborrecido: — Vou embora!

— Mas, enfim, por que? diz o pintor energicamente. Explicai-vos!
Dai uma razão.

— Vou embora, porque não tenho pão!

A senhora deu um pulo.

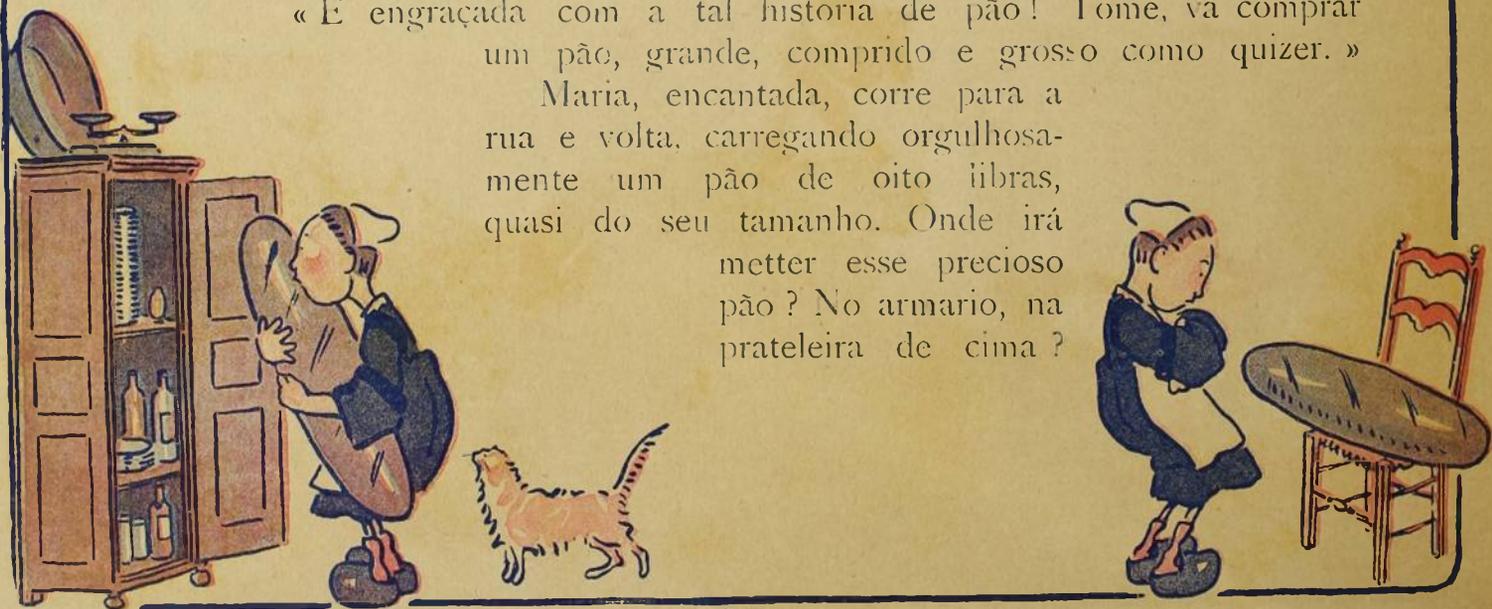
«Como? Não tem pão! E o pão todo que está lá dentro e os biscoitos?»

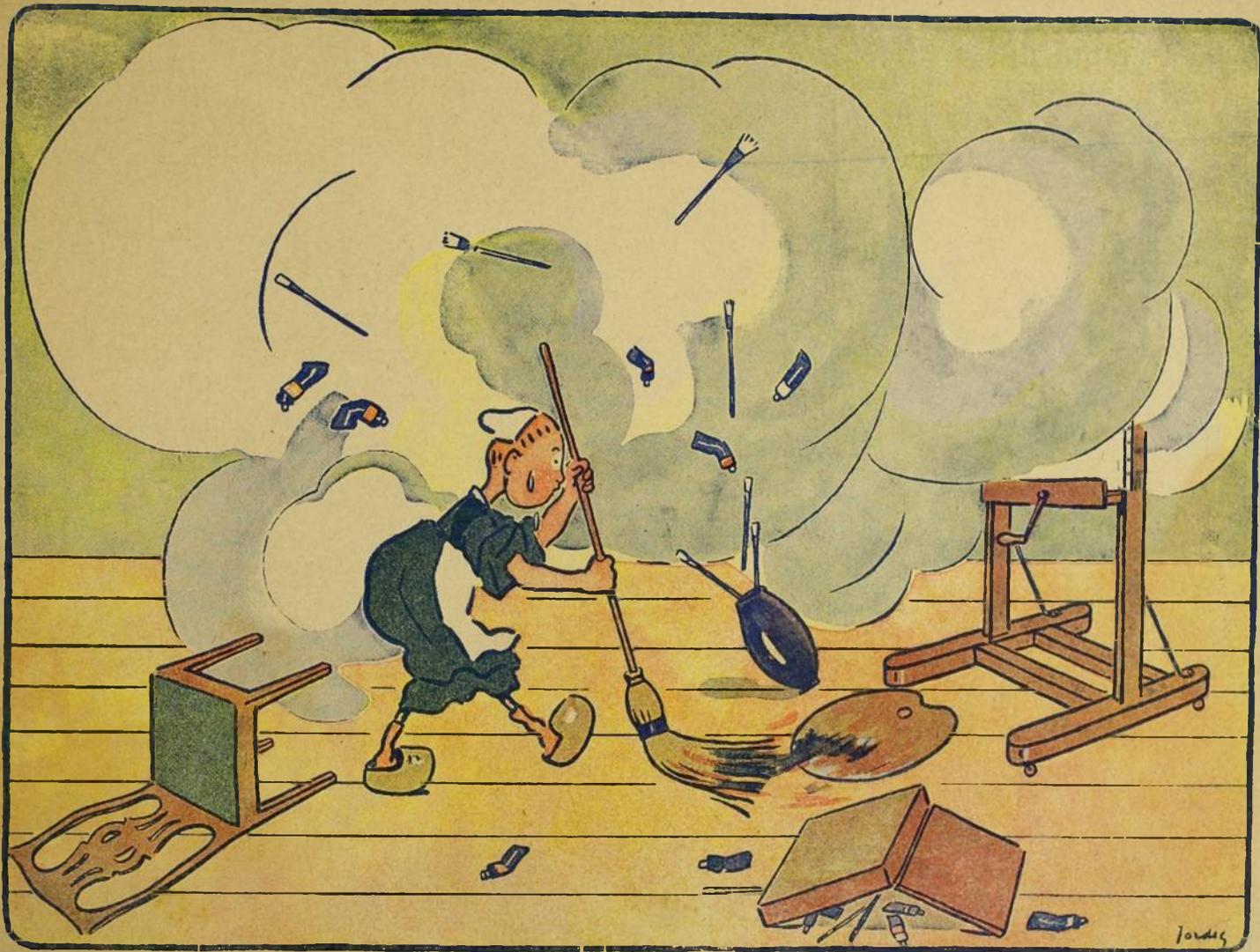
— É verdade, sim... Porém não tenho o pão de que gosto, que guardo no armario e no qual corto uma fatia quando tenho vontade.

A patrôa poz-se a rir.

«É engraçada com a tal historia de pão! Tome, vá comprar um pão, grande, comprido e grosso como quiser.»

Maria, encantada, corre para a rua e volta, carregando orgulhosamente um pão de oito libras, quasi do seu tamanho. Onde irá metter esse precioso pão? No armario, na prateleira de cima?





Jordan



Não entra. Então, na do meio? Também não entra! Na de baixo? Impossível! Tanto faz empurrar, virar, revirar, enfiar, empurrar de novo, como nada. É o mesmo. Sempre uma ponta fica de fóra... Ah! uma ideia, vai guardal-o na adêga.

E Maria, com o Mimi a seguil-a. desce á adêga, onde encafúa o pão.

Arranjado o negocio do pão, trata-se de trabalhar. « Vamos, Maria, ninha filha, limpe toda a officina! »

Baldes, vassouras, escovas, esponjas entram na dansa.

Ah! é uma limpeza de verdade, posso garantir!

Primeiro varre; depois, com um grosso sabão, unta o soalho, que asperge com uma grande esponja. Em seguida, com a escova grossa, esfrega, torna a esfregar, raspa e para acabar enxuga tudo. É bonito ver como se afadiga quando raspa, esfrega ou enxuga. A face fica carmezim. O suor corre da fronte.

« Si não ficarem contentes, os patrões!... »

Já o rosto se alegra ao pensar nos cumprimentos que vai receber. Talvez tenha até uma gratificação.

E enquanto o soalho secca, Maria descança. Ora! não tinha visto...

Sobre um cavallete, uma têla fresquinha, pintada ha poucos momentos, representa uma com-





poteira cheia de magnificos pecegos, maduros de vêz, avermelhados velludosos, pelludos.

Maria não duvida que sejam fructos de verdade. Tem tanto calor, tanta sêde, gosta tanto de pecegos !



A pequena gulosa adianta a mão, quer tomar um dos pecegos. Mas qual ! Os dedos ficam todos sujos de tinta e não pegaram nada ! Ruim ideia essa de pintar fructos que fazem de comer e que não se podem trincar !... Mas, que irá dizer o patrão quando vir que ella tocou na têla ?...Aterrorizada, depressa e com força, Maria esfrega com o canto do avental a têla prejudicada. Mais agrava o mal. Compoteira, pecegos, tudo não passa mais d'uma mancha horrivel, um sarapatel de tintas abominavel, uma monstruosa marmelada !

Cheia de desespero, a pequena criada enfia a cabeça nas dobras





já todas pintalgadas. A infeliz, foge, levando somente os tamancos e o lenço, sem pedir mais nada.

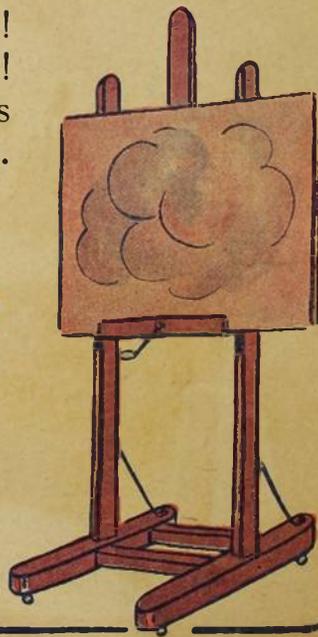
Vamos encontrá-la de novo na casa duma engommadeira, a tia Amidão. Nunca na sua vida Maria pegou num ferro de engommar.

Mas é preciso arranjar um emprego... A tia Amidão estende sobre a mesa uma bella

do avental e desanda à soluçar violentamente e a dar gritos. O patrão acode. — Que foi? Um desastre? Alguma desgraça? »

Vê a têla desgraçada. Maria tira o focinho do avental. Está com a cara toda tatuada de azul, amarelo e encarnado. Uma verdadeira cara de pelle-vermelha. O patrão fica fulo de raiva. Arremette para Maria. Que quereis? E arrebatado. Tem seus repentis.

« Triplice imbecil!... Quadrupla estupida!... Quintupla bruta!... Meu quadro! Meu pobre quadro!... Já na rua! Por aqui! O mais depressa possível! E que eu nunca mais ponha-te os olhos em cima! Vai-te para sempre!... E chovem bofetadas na faces de Maria,







cortina de cassa cheia de gomma, molhada e prompta para receber o ferro.

— Engomme aquillo, minha filha.

— É já, patrôa.

Os ferros aquecem em redor do pequeno forno. Maria toma um e, sem mesmo pensar em ver se não estava muito quente, começa a passal-o sobre a fazenda para lá e para cá.

Bing! Bang! Bate com o ferro tal qual fazem as engommadeiras. Ella já as vio! Para que mais? Prompto! A cortina está toda amarella e fedendo a queimado... Imperturbavel Maria continúa.

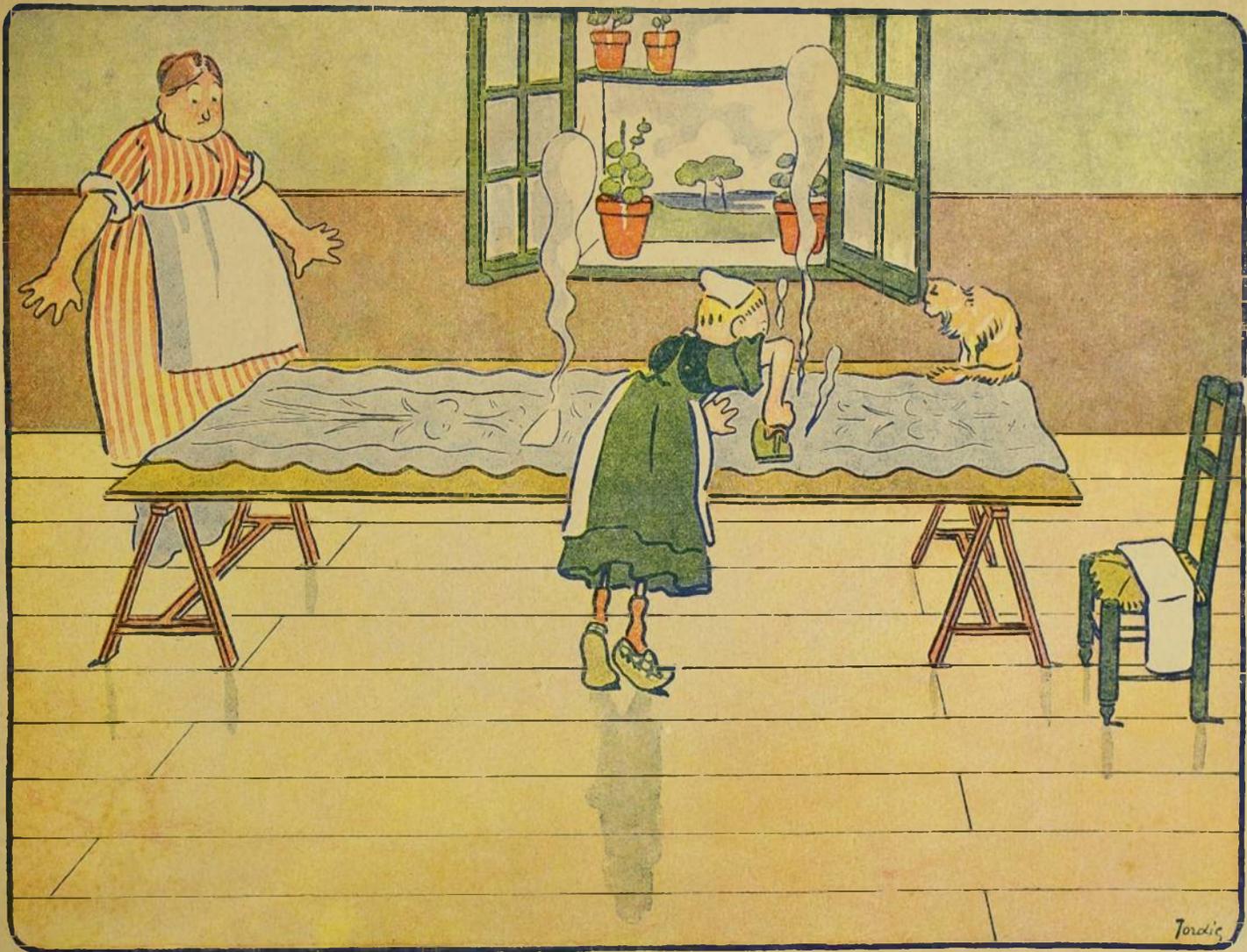
A tia Amidão volta ver si o trabalho vai bem.

« Puah! Que cheiro de roupa queimada!...

Approxima-se.

— Desgraçada!... Tu me pagarás!... Descontarei nos teus salarios!...

E como está enfurecida, a tia Amidão, e tem a mão leve, as bofetadas chovem, um e dois, um e dois!



Jordis



uma grande trouxa de roupa. Vai para o campo e começa a estendel-a nas cordas. Cae uma ventania que levanta as abas da sua touca e açoita-lhe rijamente as pernas.

Mal havia estendido uma camisa, que, subito, zás! recebe uma bofetada na face direita. Será a ruim da patroa que espreita?... Entretanto não fiz nenhum mal!...

Coça a face direita e suspende outra camisa. Zás! nova bofetada na face esquerda. Volta-se. Ninguem! Ah! isto é certamente uma perversa brincadeira da tia Amidão, que se escondeu para bater-lhe. Outro dia tinha razão de ser a surra. Queimára um cortinado novo. Mas hoje que está pendurando a roupa tão direitinha.



Bofetes de mulher com raiva, promptas, seguras, sonoras! Maria passa um máu quarto de hora.

Já que é tão bruta, a patroa decide-se a não deixal-a mais engommar e manda-a estender roupa no campo. Não é nada difficil e certamente a desastrada saberá fazer ao menos isso.

Eis aqui a nossa matuta carregada com





Na verdade! Não é nada justo!... Maria continúa a tarefa sem protestar, porque é de natureza resignada.

No entanto lá por dentro dóe-lhe a injustiça.

Pensais que se acabou? Qual nada. Zás! Paf! Zás! Paf! de todos os lados, pela direita e pela esquerda chovem tabefes.

Esconde o rosto com as mãos, baixa a cabeça e gyra sobre ella mesma.

Os tabefes chovem ainda! Toma-se de pavor. Serão os diabos que se encarniçam contra ella. Ouvio contar que, por vezes, no prado, viam-se duendes máus, anões malfazejos, fantasmas irasciveis, almas penadas, lobishomens. Ai! Socorro!... Socorro!... Dá gritos horrorosos!... Em torno d'ella levantam-se formas brancas, todas as camisas agitando-se lhe batem, esbo-

feteiam-na com suas mangas vazias, cheias embora assim pela ventania.

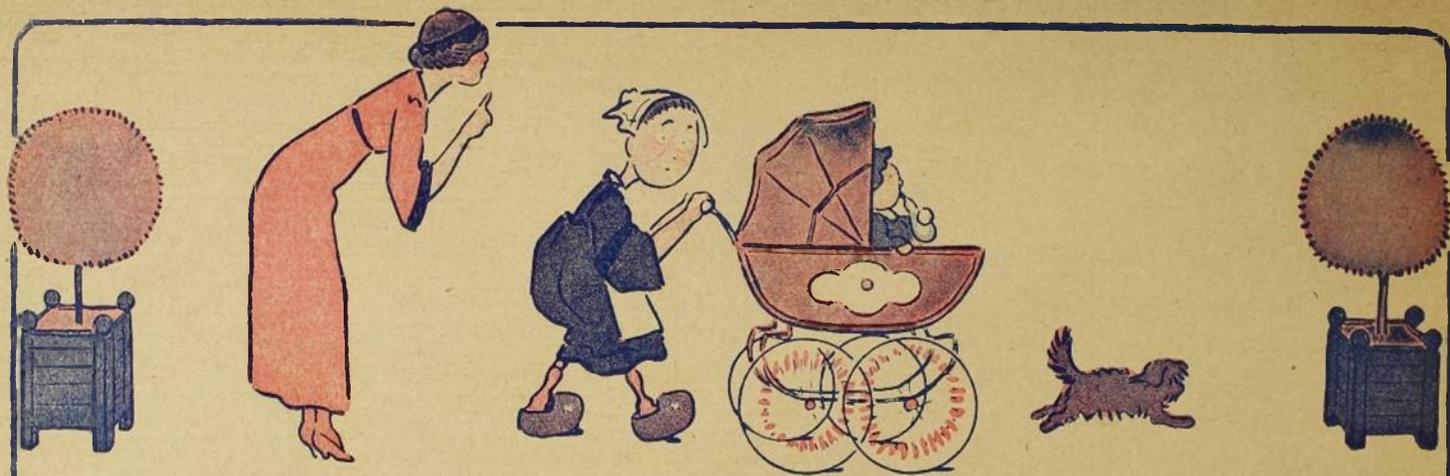
Quer fugir. Faltam-lhe as pernas, cae, escorrega sob uma grande toalha, em que se enrola como uma salchicha afim de evitar a pancadaria.

« Que teria acontecido de novo áquella toleirona? » pergunta a si mesma a tia Amidão que, inquieta e aborrecida, dirige-se para o campo. As camisas suspensas, estendidas, agitam-se cheias de vento, agitam-se como em uma dança desordenada. Nada de Maria.

A tia Amidão procura, procura... Que salchicha branca é esta? Mas... mas é Maria que de medo, adormeceu enrolada na toalha!

Uma formidavel bofetada a desperta. Julga primeiro que é a mão invisivel, a mão na ponta dos braços das camisas, a mão da roupa endiabrada que





lhe bate ainda. Porém uma segunda bofetada mais bem applicada que a primeira permite-lhe verificar que é a mão robusta da patrôa.

Então! Confessemos ou não? Ella prefere essa pancada! Acabaram-se os assombramentos!

Quasi que Maria inda agradece á patroa. Mas, pelo contrario, Maria é que recebeu os agradecimentos da despedida.

Temos agora Maria ama sêcca. O officio não é difficil. Trata-se sómente de empurrar diante de si um carrinho, no qual está uma gorda, bochechuda e rosada creança.

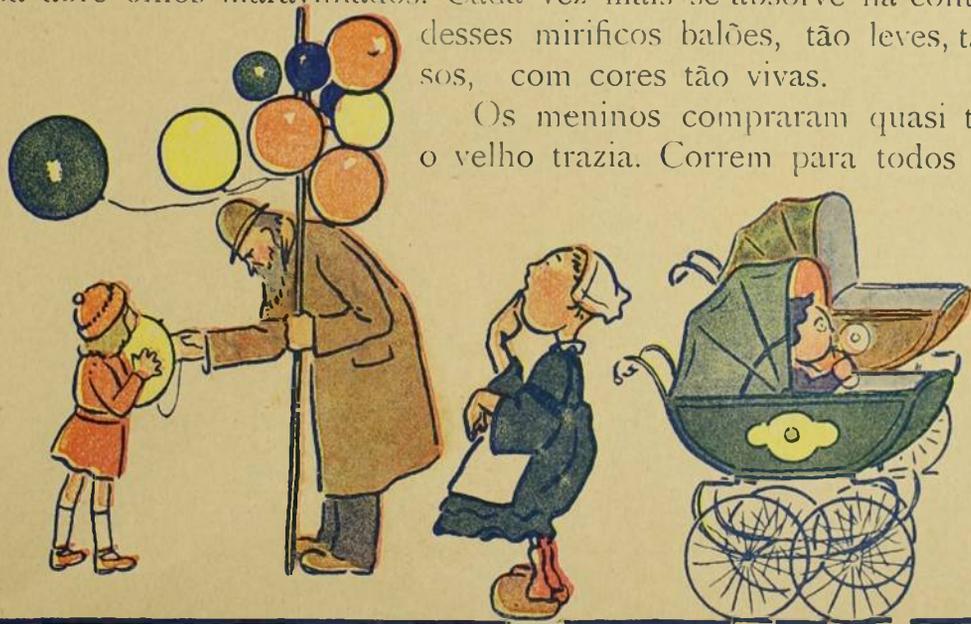
Quando o carrinho para, o bebê grita; quando caminha elle bate as mãosinhas, contente.

Maria vai a um grande jardim todo cheio de lindas arvores, com um grande tanque onde nadam peixinhos vermelhos. Encontra outras amas que se vão sentar nos bancos enquanto os meninos brincam e fazem bôlos de areia.

É muito alegre! Maria nunca vio coisa mais maravilhosa do que esse grande jardim! Na verdade, seu officio é bem agradável! Não tem mais bofetadas por qualquer coisinha! Passa um velho com uma comprida barba branca. Parece até Papá Natal. Traz, amarrados a cordões leves balões de todas as cores, azues, vermelhos, verdes. Os meninos correm para elle, com gritos de alegria. Maria tambem olha extasiada. Ella deixou o seu carrinho bem perto de outro que estaciona ali. O bebê chora e grita. Peior para elle! Elle bem que pode ficar sósinho um instante, o chorão. Acabará ou não por se calar?

Maria abre olhos maravilhados. Cada vez mais se absorve na contemplação desses mirificos balões, tão leves, tão graciosos, com cores tão vivas.

Os meninos compraram quasi todos que o velho trazia. Correm para todos os lados,





saltitam segurando-os pelo barbante e só se vêm de longe as manchasinhas azues, encarnadas, verdes, mexendo no ar.

Então Maria volta para o seu pequerrucho.

Os dois carrinhos continuam juntos com as capotas abaixadas. Toma um. Empurra-o. Volta às pressas para casa.

A patroa está á porta, inquieta já.

« Vens atrazada, Maria. Bebê não teve frio? Bom dia, meu querido, meu thesouro! »

Abraça a cabeça e dá um grito, recua com terror! Sob a capota se agita um bebê; mas não é louro e rosado; é bem inverso, amarellado.

Tem olhos negros, cabellos negros. E o seu onde estará? Na sua pressa Maria trocouos carrinhos.

« Trocar o meu filhinho! Isto é lá possível!... »

E precipitando-se á cata do bebê, que felizmente achou, a senhora expulsa Maria dos Tamancos, que nem sabe por que a mandaram embora.



14

